



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

BRENNNA TAÍZE DE LIMA PEQUENO

**A GUERRA DO IÊMEN: ABORDAGEM ESTRATÉGICA E REPERCUSSÕES NA
GEOPOLÍTICA DO ORIENTE MÉDIO.**

**JOÃO PESSOA
2023**

BRENNNA TAÍZE DE LIMA PEQUENO

**A GUERRA DO IÊMEN: ABORDAGEM ESTRATÉGICA E REPERCUSSÕES NA
GEOPOLÍTICA DO ORIENTE MÉDIO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Relações Internacionais.

Área de concentração: Segurança Internacional

Orientador: Prof. Dr. Fábio Rodrigo Ferreira Nobre.

**JOÃO PESSOA
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P425g Pequeno, Brenna Taíze de Lima.
A guerra do Iêmen [manuscrito] : abordagem estratégica e repercussões na geopolítica do Oriente Médio / Brenna Taíze de Lima Pequeno. - 2023.
43 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Fábio Rodrigo Ferreira Nobre, Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA. "

1. Guerra civil. 2. Iêmen. 3. Irã. 4. Arábia Saudita. 5. Houthis. I. Título

21. ed. CDD 355.021 8

BRENNA TAIZE DE LIMA PEQUENO

**A GUERRA DO IÊMEN: abordagem estratégica e repercussões na geopolítica do
Oriente Médio**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Relações Internacionais da
Universidade Estadual da Paraíba como
requisito parcial à obtenção do título de
bacharel em Relações Internacionais.

Aprovada em: 22/06/2023.

BANCA EXAMINADORA



Fábio Rodrigo Ferreira Nobre (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Paulo Roberto Loyolla Kuhlmann
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



André Luiz Viana Cruz de Carvalho
King's College London (KCL)

Aos meus afetos e entusiastas das Relações Internacionais.

"Homem nasceu para procurar poder, mas sua condição real faz dele um escravo do poder dos outros." - HANS MORGENTHAU

Lista de Ilustrações

Figura 1 -	20
Figura 2-	24

SUMÁRIO

2. A GUERRA DO IÊMEN	11
2.1 ANTECEDENTES	11
2.2 ATORES ENVOLVIDOS	15
2.2.1 ESTADO IEMENITA	16
2.2.2. OS HOUTHIS	17
2.2.3. A ARÁBIA SAUDITA	18
2.2.4 O IRÃ	19
3. INTERESSES E OBJETIVOS	21
4. DESDOBRAMENTOS GEOPOLÍTICOS DA GUERRA IEMENITA PARA A REGIÃO	23
4.1. NORMALIZAÇÃO DO CONFLITO	24
4.2. INTENSIFICAÇÃO DO TERRORISMO NA REGIÃO	28
5. DESDOBRAMENTOS ESTRATÉGICOS E DE DEFESA DOS ATORES ENVOLVIDOS NA GUERRA CIVIL DO IÊMEN	30
5.1. A ESTRATÉGIA DO BOMBARDEIO AÉREO	31
5.2 ASTROS II	35
5.3 BLOQUEIO MARÍTIMO	36
5.4. A ESTRATÉGIA DA GUERRA ALIMENTAR	37
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
7. REFERÊNCIAS	40

A GUERRA DO IÊMEN: ABORDAGEM ESTRATÉGICA E REPERCUSSÕES NA GEOPOLÍTICA DO ORIENTE MÉDIO.

Autor: Brenna Taíze de Lima Pequeno

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo geral analisar a guerra do Iêmen, visto que a mesma é um resultado de uma série de fatores complexos, incluindo divergências culturais, sociais, religiosas, econômicas e políticas. Os interesses diversos dos atores envolvidos, como grupos rebeldes, Arábia Saudita, Irã e atores internacionais, têm contribuído para a perpetuação do conflito. Desse modo, o artigo em questão evidencia que a presença de atores externos têm gerado desdobramentos estratégicos, como incursões Houthis na Arábia Saudita, aumentando o risco de o conflito se tornar um problema regional. Além disso, os objetivos específicos consistem em analisar os antecedentes necessários para definir o que e como acontece atualmente. No que concerne à metodologia, será empregada uma abordagem metodológica que compreenderá a análise de informações, pesquisa de casos e revisão bibliográfica. A análise histórica se concentrará a partir de 2011, momento de início das insurreições populares da Primavera Árabe, eventos que tiveram um papel crucial nas consequências do conflito iemenita. Por fim, o presente artigo evidencia a necessidade buscar soluções diplomáticas e políticas, com o engajamento efetivo da comunidade internacional, a fim de interromper o ciclo de violência e sofrimento, promovendo estabilidade e segurança na região do Oriente Médio

Palavras chaves: Iêmen; Guerra civil; Arábia Saudita; Irã; Houthis;

ABSTRACT

The general objective of this research is to analyze the Yemen conflict, which is the result of a series of complex factors, including cultural, social, religious, economic, and political differences. The diverse interests of the actors involved, such as rebel groups, Saudi Arabia, Iran, and international actors, have contributed to the perpetuation of the conflict. Thus, this article highlights that the presence of external actors has generated strategic consequences, such as Houthi incursions into Saudi Arabia, increasing the risk of the conflict becoming a regional problem. Furthermore, the specific objectives are to analyze the necessary antecedents to define what is happening currently. In terms of methodology, an approach will be employed that includes information analysis, case studies, and literature review. The historical analysis will focus on the period starting from 2011, the beginning of the popular uprisings known as the Arab Spring, which played a crucial role in the consequences of the Yemeni conflict. Finally, this article highlights the need to seek diplomatic and political

solutions, with effective engagement from the international community, to interrupt the cycle of violence and suffering, promoting stability and security in the Middle East region.

Keywords: Yemen; Civil War; Saudi Arabia; Iran; Houthis.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A guerra civil no Iêmen, que começou em 2015, tem devastado o país e causado uma grave crise humanitária. A maioria das pesquisas sobre esse conflito tem se concentrado principalmente nas consequências humanitárias, elemento este que se torna de extrema importância e compreende-se o maior foco dado a esse aspecto. No entanto, a presente pesquisa entende que se faz necessária também uma abordagem dos aspectos estratégicos para entender futuros desdobramentos nesse e em conflitos vindouros.

Portanto, esta pesquisa busca preencher essa lacuna, analisando a guerra do Iêmen com foco nas forças de defesa e estratégia utilizadas pelos diferentes atores envolvidos, bem como nos problemas estratégicos que ela representa para a região do Oriente Médio.

A relevância desse estudo reside no fato de que a compreensão dos aspectos estratégicos da guerra do Iêmen é fundamental para as Relações Internacionais. A guerra nesse país é um exemplo crucial das dinâmicas complexas e multifacetadas que permeiam a região do Oriente Médio. Além disso, a análise das estratégias dos atores envolvidos na guerra nos permitirá entender melhor as motivações políticas, interesses geopolíticos e capacidades militares em jogo. Como também, essa análise contribuirá para a compreensão das implicações regionais da guerra do Iêmen, incluindo o impacto nas relações entre os atores regionais e a possibilidade de o conflito se espalhar para além das fronteiras do país.

Nesse sentido, as Relações Internacionais têm muito a dizer sobre esse tema. A disciplina oferece uma estrutura teórica e analítica para examinar os conflitos armados, as dinâmicas regionais e as estratégias dos atores envolvidos. Com isso, ao estudar a guerra do Iêmen de uma perspectiva estratégica, pode-se analisar como as relações de poder, as alianças e os interesses econômicos influenciam a dinâmica do conflito. Além disso, poderá entender como a guerra do Iêmen se relaciona com outros eventos e tendências regionais, como a Primavera Árabe, o terrorismo e a segurança no Oriente Médio.

O objetivo desta pesquisa é responder à pergunta: quais são as estratégias adotadas pelos diferentes atores envolvidos na guerra do Iêmen? Para alcançar esse objetivo, se utilizará uma metodologia de pesquisa que envolverá análise de dados, estudos de caso e revisão bibliográfica. O recorte histórico será a partir de 2011, com o início das revoluções

populares da Primavera Árabe, que tiveram um papel importante nos desdobramentos do conflito iemenita.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos principais. O primeiro capítulo aborda os antecedentes da guerra, identificando os atores envolvidos e sua posição no Oriente Médio. No segundo capítulo será abordado os interesses e os objetivos de cada ator presente na guerra, ao qual se explora as dinâmicas políticas, econômicas e religiosas que alimentaram o conflito e contribuíram para sua escalada. No terceiro capítulo, será analisado os desdobramentos políticos da guerra para a região do Oriente Médio, incluindo questões como a normalização do conflito e o aumento do terrorismo como resultado da guerra do Iêmen. Por fim, o quarto capítulo abordará os desdobramentos estratégicos de cada ator atuante da guerra civil iemenita.

Ao final desta pesquisa, esperamos fornecer uma análise abrangente e fundamentada sobre a guerra do Iêmen, contribuindo para o conhecimento acadêmico sobre o tema e para uma melhor compreensão das dinâmicas regionais no Oriente Médio.

2. A GUERRA DO IÊMEN

O capítulo em questão buscará evidenciar quais os antecedentes necessários para que a guerra civil no Iêmen viesse a eclodir. Com isso, os aspectos sociais, políticos e econômicos naquele período irão ser abordados com o intuito de elucidar os motivos principais para a guerra. Além disso, é preciso entender quem são os sujeitos principais do conflito, quais os seus interesses e objetivos no envolvimento de uma guerra física, podendo ser totalmente desgastante para o país em questão.

2.1 ANTECEDENTES

O Iêmen localiza-se na Península Arábica, trata-se de um país extremamente importante para a região do Oriente Médio, devido à sua centralidade na rota comercial de navios petroleiros que circundam o país. Da mesma forma, o país iemenita possui o privilégio de ser vizinho de um dos maiores produtores de petróleo do mundo, a Arábia Saudita e Omã (ELLWANGER, 2020). Embora o Iêmen possua suas peculiaridades enriquecedoras, com 90% do PIB do país correspondendo ao petróleo, isto não impede que o mesmo seja considerado o país com as piores condições humanitárias e políticas do Oriente Médio.

Isto posto, observa-se que o país iemenita é assolado, atualmente, por uma das maiores crises humanitárias do mundo (SILVA, 2020). A guerra civil do país provoca inúmeras consequências para sua população, dentre elas a desnutrição, o número massivo de mortes de civis por meio de bombardeios e uma crise interna de refugiados. No entanto, deve-se salientar que a grande tensão entre os civis no Iêmen vem se intensificando, principalmente, após o período de revoluções da Primavera Árabe¹, no ano de 2010 (ORKABY, 2021).

Segundo o autor Mibsan Santos (2018), a partir do momento em que o Iêmen se insere na Primavera Árabe, a sociedade local obtém o incentivo necessário para a efetivação da Revolução Iemenita no próprio país. No entanto, deve-se salientar que a tensão no território iemenita se iniciou após a unificação do Iêmen do Norte com o Iêmen do Sul. Quando Ali Abdullah Saleh² assumiu o poder no fim de 1970, o clima de estabilidade e fortalecimentos dos laços entre os dois lados iemenitas foram se intensificando. Com esse processo de unificação, previa-se o surgimento de um governo democrático, que teria como base central a liberdade de todos os indivíduos, bem como a liberdade de expressão e de imprensa. (MARRA, 2019)

Desse modo, pretendia-se que houvesse uma ruptura paradigmática com a realidade que se encontrava no Iêmen nos anos anteriores, tendo em vista a constante busca por um país mais pacífico e igualitário (LIMÃO, 2020). Entretanto, segundo Santos (2018), o processo de unificação trouxe uma série de problemas para o país iemenita, o que se pretendia de benéfico com a unificação, foi totalmente o oposto.

Depois da unificação, ocorreram diversos desafios, sendo um deles a Guerra do Golfo. Apesar de o Iêmen não ter se envolvido diretamente, suas consequências afetaram os principais atores, incluindo aliados e inimigos presentes no conflito. Isso enfraqueceu o país iemenita e sua política externa ficou cada vez mais fragilizada, refletindo em problemas no seu âmbito doméstico. Com isso, o Iêmen passou a depender cada vez mais da ajuda externa, especialmente da Arábia Saudita, para garantir o sustento e a sobrevivência de cidadãos presentes no país. (SANTOS, 2018).

¹ A Primavera Árabe foi um período em que uma onda de protestos e revoluções eclodiram no Oriente Médio e no norte do continente africano. A população foi às ruas em busca de derrubar os ditadores e reivindicar por melhores condições de vida. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55379502>

² Ali Abdullah Saleh, foi presidente da República Árabe do Iêmen (Iêmen do Norte), de 1978 a 1990 e do Iêmen unificado, de 1990 a 2012. Em 1990, a partir da unificação do país iemenita (tornou-se a atual República do Iêmen), Saleh foi eleito presidente da nova república, com 77,2% dos votos, e manteve-se no cargo até a eclosão da onda de protestos, durante a chamada Primavera Árabe. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Ali-Abdullah-Saleh>

A partir da formação da República Democrática do Iêmen, grupos de rebeldes iemenitas do Sul, os *Al-Hirak* (do árabe, *mobilização*), encontravam-se em situação de negligência, logo, tinham por intuito incentivar a constituição de um novo Estado que atendesse às necessidades do povo do Sul. Entretanto, a criação de um novo Estado não foi reconhecida pela comunidade internacional, com isso, as forças rebeldes do sul foram reprimidas pelas forças armadas iemenitas e o controle do Iêmen do Sul foi retomado (LIMÃO, 2020).

Desde o início do governo de Saleh, o país já passava por instabilidade devido à oposição dos Houthis³ ao presidente em questão. A situação política e econômica precária do país foi refletida nos protestos que ocorreram, os quais desencadearam uma série de conflitos violentos entre as elites iemenitas tradicionais. No entanto, essa turbulência gerou um ponto de inflexão para uma redistribuição de poder inevitável e uma oportunidade para a redefinição das relações de poder existentes (SAL MUTTER, 2017). A população, que sofria com altos níveis de desemprego, analfabetismo, falta de transparência na gestão pública e a desnutrição, levantou-se em busca de uma qualidade de vida mínima e aceitável, como apontado por SANTOS (2018).

A faísca da guerra entre Norte e Sul gerou uma instabilidade ainda mais forte no Iêmen, uma crise social, política e econômica se instaurou no país. O governo iemenita precisou recorrer ao Fundo Monetário Internacional (FMI), foi feito um empréstimo de 100 milhões de dólares para tentar reverter a crise instaurada. Como também, vale salientar que houve empréstimos por parte do Banco Mundial e de países europeus (MARRA, 2019).

Além disso, a divergência com o governo do presidente Saleh era bastante forte por parte dos Houthis, sendo este um movimento político-religioso com imenso poder no Iêmen. O conflito travado entre os Houthis e o governo de Saleh desencadeou a intensificação de alguns combates a partir dos anos 2000, sendo um dos principais as guerras de Sanaa (SILVA, 2020). Desde 1978, Ali Abdullah Saleh é visto como um forte defensor da democracia, ao qual a liberdade e os direitos de todos os cidadãos iemenitas são defendidos, principalmente os direitos dos cidadãos do Norte.

Contudo, a partir de 2000, as oposições, principalmente dos Houthis do Sul, criadas contra o governo de Saleh, fizeram com que a realidade se tornasse outra. O Iêmen passou a

³ Os houthis são membros de um grupo rebelde que também é conhecido como Ansar Allah ("Partidários de Deus", em tradução livre), que seguem uma corrente do islamismo xiita conhecida como zaidismo. O grupo será melhor trabalhado no presente trabalho mais adiante da pesquisa. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2015/01/23/saiba-quem-sao-os-hutis-os-rebeldes-que-derrubaram-o-governo-do-iemem.htm>

ser assolado por grande aumento da pobreza, os índices de mortalidade se tornaram crescentes em uma constante considerável, esse encontrava-se dependente da ajuda externa para lidar com a economia do próprio país (SILVA, 2020). Ademais, a oposição Houthi era reprimida de forma bastante violenta no governo de Saleh. Segundo Santos (2018), a própria repressão do governo iemenita pode vir a ser um dos estopins necessários para eclodir a guerra civil do país:

Devido ao cenário cada vez mais violento, o governo indiretamente incentivou os Houthis a agirem e entrarem em um novo conflito contra o presidente mais uma vez, tornando-se um embate cada vez mais complexo e multifacetado, principalmente com os ataques da AQPA (Al-Qaeda da Península Arábica) ao tentar se beneficiar da instabilidade nacional. (SANTOS, 2018, p. 51)

Embora a crescente onda de oposição ao governo de Ali Abdullah Saleh estivesse a todo vapor, as eleições presidenciais de 2006 foram vencidas pelo mesmo, consagrando mais um mandato presidencial desde 1990. Com o passar dos anos, a oposição se tornou algo sem precedentes devido à fragilidade de um Estado liderado há muito tempo pelo mesmo governante. Desse modo, o movimento Houthi tomou uma grande força e estabeleceu, em conjunto com os demais grupos rebeldes, a transição política do antigo presidente iemenita, Ali Abdullah Saleh, para o seu vice-presidente, Abd Rabbuh Mansour Hadi, em 2011 (ORKABY, 2021).

A grande concentração da onda revolucionária, opositora ao governo de Saleh, fez com que o mesmo renunciasse em nome do seu vice-presidente e, com isso, houvesse mudanças no cenário em que se encontrava o Iêmen. No entanto, a mudança de governo não trouxe as melhorias que se esperava obter com a transição, o país iemenita ficou cada vez mais instável e assolado por dívidas (ORKABY, 2021). Segundo Santos (2018), as convergências do novo governo de Hadi com as políticas de Saleh possibilitaram a interferência do ex-presidente no Iêmen, assim como é posto:

O exercício de poder do presidente Hadi se encontrava comprometido diante da lealdade solidificada do exército ao ex-presidente, ou seja, havia uma competição de poder entre os grupos atuantes ao invés de um compartilhamento. Sendo que esses fatores dificultaram uma mudança efetiva, fazendo com que Saleh ainda pudesse interferir na política doméstica do Iêmen através de ações extremamente drásticas como a aliança com seus antigos inimigos, os Houthis (SANTOS, 2018, p. 27).

De fato, Saleh demonstrou que sua habilidade em fazer cálculos políticos não possuía limites e ponderações. A formação da aliança só foi possível graças ao desejo do grupo de governar o Iêmen. Além disso, os grandes níveis de violência experimentaram uma redução

quase imperceptível e, mais uma vez, os Houthis conseguiram retomar a capital do país iemenita (MARRA, 2019).

Entretanto, a renúncia de Ali Abdullah Saleh não foi aceita pelo mesmo. Logo, na tentativa de voltar ao poder, o ex-presidente se aliou militarmente ao grupo que, anteriormente, era dito como seu inimigo: os Houthis. Com a nova aliança formada, em 2014, Sanaa, a capital do Iêmen foi invadida para a tentativa da imposição de um golpe de Estado. O sucesso do golpe é efetivado e Saleh volta a ser o presidente do Iêmen; não obstante, o conflito instaurado no Iêmen começa a ser desviado a outras vertentes, devido ao assassinato do presidente Saleh, por parte dos Houthis, por acusarem-no de estar criando possíveis laços com o maior inimigo do grupo: a Arábia Saudita. (ACNUR, S/Aa).

A partir de Março de 2015, a guerra civil do Iêmen concretiza os pontos principais de seu conflito com a unificação dos Houthis com algumas unidades militares e com o Irã, e com a escalada de uma coalizão contra os Houthis liderada pela Arábia Saudita, Estados Unidos e Emirados Árabes Unidos. A coalizão efetivada tinha por intuito iniciar uma série de ataques aéreos capazes de fazer com que houvesse uma ofensiva contra os rebeldes Houthis e, conseqüentemente, restituir o antigo governo do ex-presidente Hadi (ACNUR, S/Ab).

Desse modo, é possível observar que a guerra civil iemenita ficou sendo delineada entre duas vertentes e potências regionais do Oriente Médio: a Arábia Saudita ao lado do governo iemenita e o Irã ao lado dos rebeldes Houthis. Segundo Santos (2018), a aplicação do golpe de Estado pelos Houthis possibilitou a entrada de atores regionais, que já atuavam no Iêmen principalmente no âmbito econômico, a aplicarem suas forças militares no conflito (MARRA, 2019).

A partir disso, os Estados Árabes do Conselho de Cooperação do Golfo intervieram militarmente na região através da coalizão Saudita. A operação militar, que será melhor explicada mais adiante, tinha como intuito estabelecer uma série de ataques aéreos, operações terrestres e impor um bloqueio naval na costa do Iêmen. Dessa forma, ficará evidente no tópico seguinte a tentativa de reafirmação de poder entre os Houthis, Arábia Saudita, Irã e o próprio governo iemenita, a partir dos financiamentos e as operações militares realizadas no conflito em questão.

2.2 ATORES ENVOLVIDOS

O capítulo em questão analisará quais atores estão envolvidos na guerra civil do Iêmen, como os mesmos se encontram no Oriente Médio e quais as maiores características

destes atores para que assim possa ser possível entender os futuros desdobramentos geopolíticos e estratégicos subsequentes nesta pesquisa.

2.2.1 ESTADO IEMENITA

Referente aos atores envolvidos na guerra civil iemenita, pode-se observar que o Estado Iemenita é atualmente um Estado em crise, com um governo instável e diversas facções em conflito pelo controle do território. Com isso, o país com uma longa história de governos frágeis e guerras civis, têm contribuído para a pobreza generalizada e a falta de desenvolvimento em muitas partes do país.

Em primeiro lugar, como já posto, o principal ator envolvido na guerra civil do Iêmen é o Estado Iemenita, o qual é liderado pelo presidente Abd Rabbuh Mansour Hadi. O então presidente assumiu o cargo em 2012, após a renúncia do presidente Ali Abdullah Saleh. Hadi foi eleito por consenso nacional em fevereiro de 2012, com o objetivo de liderar o país durante um período de transição política, mas sua liderança tem sido questionada por várias facções rebeldes. Logo, a posse de Hadi evidencia a busca pela tentativa de sair à procura de uma mudança da situação política, econômica e social que estava instaurada no Iêmen. Partindo do princípio de entender as fontes deste conflito, elenca-se a união do próprio Estado iemenita com a coalizão Saudita em consonância a derrotar o grupo de rebeldes Houthis, os quais atuam em conjunto com o Irã (HEINZE, 2018).

Atualmente, devido a fortes embates de ideologias políticas, as forças iemenitas encontram-se fragmentadas entre seguidores da política do atual presidente Hadi e apoiadores leais ao ex-presidente Saleh. Com isso, devido a convergência de ideais, os seguidores de Saleh buscam apoiar fielmente os ataques houthis no território iemenita devido a tentativa de enfraquecer o governo do atual presidente. O enfraquecimento viria perante o discurso da defesa de uma visão mais nacionalista, anti-imperialista e anti-ocidental. Os mesmos são críticos da intervenção estrangeira no país e argumentam que o Iêmen deve ser independente e livre para seguir seu próprio caminho político. Além disso, eles acusam Hadi e seus aliados de corrupção e subserviência aos interesses estrangeiros (ORKABY, 2021)

No entanto, as forças iemenitas que apoiam o presidente Hadi possuem uma forte ligação, e maior número, com a coalizão árabe liderada pela Árabia Saudita e apoiada pelos Estados Unidos. Os apoiadores de Hadi defendem uma visão pró-ocidental e pró-Árabia Saudita, com forte apoio dos Estados Unidos. Os mesmos argumentam que a única maneira

de restaurar a ordem e a estabilidade no país é através da cooperação com os aliados internacionais e do fortalecimento das instituições democráticas.

2.2.2. OS HOUTHIS

O grupo Houthi, ou também como é conhecido *Ansar Allah* (do árabe, *partidários de Deus*), foi criado no final do século XX, e tem, principalmente, como sua área de atuação, o norte do Iêmen. Os mesmos recebem esse nome por serem liderados pela família *Houthi*, originária da região de Saada, no norte do país. Este grupo possui uma forte orientação xiita, entretanto, embora não seja constantemente exposto, o grupo também é formado por cidadãos de orientação sunita. Uma das maiores características do grupo são as ideologias às quais defende, tendo como principal a oposição a América, mais especificamente aos Estados Unidos.

No entanto, o movimento dos houthis teve início como uma reivindicação local por melhores condições de vida e representação política para os xiitas, que são minoria no país e historicamente marginalizados. Entretanto, com o tempo, o grupo se radicalizou e passou a ter como objetivo principal a tomada do poder em todo o Iêmen.

O próprio slogan do grupo é “*Deus é Grande, Morte à América, Morte a Israel, Maldição aos Judeus, Vitória ao Islã*”. Desse modo, é possível observar que o discurso contrário aos Estados Unidos fez com que um embate de ideologias fosse criado entre o grupo rebelde e o governo iemenita, tendo em vista o apoio do Iêmen à capital norte-americana na luta contra o Terror (SANTOS, 2018). O grupo Houthi, além de ir contra políticas do atual governo iemenita, segundo Santos (2018), cria rivalidade com cidadãos e os demais grupos, assim como pode ser observado:

Os atos de violência contra cidades de maioria sunita e contra forças do governo aumentaram, ao passo que o grupo também foi crescendo e ganhando território. Ao final de 2014, os Houthis já se aproximavam da capital e afirmavam o objetivo de tomar o poder do presidente Hadi. Atualmente, além de Sanaa, o grupo também avançou em direção ao Sul, já tendo influência na região próxima de Áden (IHS JANE'S, 2015; IISS, 2016, p. 205).

Em relação à participação de sunitas nos Houthis, há relatos de que também existem sunitas entre seus membros e apoiadores. De acordo com especialistas, a presença de sunitas entre os Houthis pode ser explicada por vários fatores. Em primeiro lugar, muitas vezes a adesão a grupos rebeldes não está necessariamente ligada à identidade sectária, mas às

questões políticas e econômicas. Ou seja, alguns sunitas podem ter se unido aos Houthis por compartilharem suas pautas políticas e sociais, independentemente de sua afiliação religiosa (HEINZE, 2018).

Além disso, alguns especialistas afirmam que a inclusão de sunitas nos Houthis pode ser vista como uma estratégia do grupo para ampliar sua base de apoio e consolidar sua posição política no país. Nesse sentido, a adoção de uma retórica anti-imperialista pode ter atraído sunitas que se opõem ao governo central e às potências ocidentais que intervêm na região. Por fim, é importante destacar que a participação de sunitas nos Houthis também pode ser vista como um reflexo da complexidade do conflito iemenita (RABI, 2015). O país tem enfrentado uma série de crises políticas e econômicas nas últimas décadas, o que tem levado a um aumento da polarização sectária e da violência entre grupos religiosos diferentes. Nesse contexto, muitos iemenitas podem ter se unido a grupos rebeldes, como os Houthis, como forma de proteger suas comunidades locais e garantir sua segurança em meio ao conflito.

2.2.3. A ARÁBIA SAUDITA

Um dos países de maior influência e riqueza do Oriente Médio, a Arábia Saudita tornou-se a monarquia mais antiga e estável nesta região. Por possuir uma forte ligação com sua religião, o país árabe tornou-se um dos maiores protetores dos Estados que também seguem o Islamismo. A Arábia Saudita entra na guerra do Iêmen com intuito de ajudar o Estado iemenita a reerguer a sua estrutura e a política interna do país, como também, são opositores a qualquer tipo de ameaça à ordem regional que encontra-se no Oriente Médio. Na tentativa, teórica, de estabelecer uma ligação capaz de restaurar a estabilidade no Iêmen, a Arábia Saudita se une com os Estados Unidos para que, assim, fosse possível controlar os radicais Houthis e, conseqüentemente, frear as ações do Irã, visto que o mesmo vai contra as políticas ocidentais e questiona a predominância sunita na região. Como também, por mais que a ideologia iraniana obtenha fortes traços de ideologias orientais, o Oriente Médio não se encontra isolado do sistema internacional (SANTOS, 2018).

No entanto, deve-se salientar que o envolvimento da maior potência regional do Oriente Médio não é apenas humanitária na busca por uma estabilização do governo iemenita, mas também é recheada de interesse próprio visando a fixação de sua posição como maior influência da região. Desse modo, os principais objetivos da Arábia Saudita na guerra incluem proteger sua segurança nacional, evitando que o Irã expanda sua influência na região através dos houthis; Restaurar a autoridade do governo iemenita reconhecido

internacionalmente e ajustar a estabilidade no país, a fim de evitar a influência do Irã por completo, e, por fim, proteger os interesses econômicos sauditas, especialmente nas rotas de comércio marítimo do Estreito de Bab al-Mandab (RABI, 2015).

Ademais, além dos outros objetivos do país, a união entre Arábia Saudita e Estados Unidos na coalizão saudita visa também uma estratégia regional, por parte do país árabe, capaz de continuar estabelecendo relações benéficas para o país (SANTOS, 2018). A divergência entre os atuais governos da Arábia Saudita e do Iêmen não possibilita uma ligação totalmente homogênea, mas a guerra civil no Iêmen permite a união do Estado iemenita, um Estado democrático, com a monarquia Saudita em conjunto representando a mesma finalidade: frear os Houthis e o Irã.

2.2.4 O IRÃ

O Irã é uma república islâmica com um sistema político teocrático liderado por um líder supremo, que tem autoridade sobre todas as instituições governamentais. A posição política do Irã no cenário regional do Oriente Médio é influenciada por sua história, cultura e localização estratégica. Uma das principais características da política externa iraniana é a busca pelo poder regional. O país procura expandir sua influência na região apoiando grupos que compartilham seus interesses e posições políticas (HILL, 2017)

Desse modo, assim como os demais países presentes nesta guerra, o Estado iraniano busca evidenciar as suas ideologias através de suas ações e objetivos na guerra iemenita. Com isso, é possível observar que o Estado iraniano evidencia, primeiramente, a intenção de alterar a ordem regional no Oriente Médio com suas posições e ideais políticos e religiosos. A política que guia as ações iranianas têm como base a fé de que se deveria haver uma projeção de poder e liderança dos islâmicos. (HILL, 2017) Logo, pode-se observar a sua fidelidade na caracterização da busca por uma revolução capaz de impedir que qualquer outro regime, que bloqueasse a representatividade dos seus, fosse derrubado ou corrompido (IHS JANE'S, 2015; CORDESMAN, 2015; MILANI, 2015; STRATFOR, 2015).

Ademais, o Irã tem sido um ator importante na guerra civil em curso no Iêmen, seu envolvimento está ligado à busca do país por influência regional e sua rivalidade com a Arábia Saudita. Os interesses do Irã na guerra do Iêmen são multifacetados. Em primeiro lugar, o país vê a si como um protetor dos muçulmanos xiitas, que compõem a maioria dos rebeldes Houthis. Além disso, o Irã busca expandir sua influência na região, incluindo o estabelecimento de uma conexão terrestre para o Líbano através do Iraque e da Síria.

O Irã tem apoiado os rebeldes Houthi fornecendo-lhes armas, treinamento e financiamento. Há relatos de que o Irã enviou até unidades militares para lutar ao lado dos rebeldes. Para sustentar seu envolvimento, o Irã utiliza várias estruturas, incluindo a Força Quds dos Guardiões da Revolução Iraniana (SANTOS, 2018). Em termos gerais, o envolvimento do Irã na guerra do Iêmen é parte de sua política externa agressiva na região, buscando aumentar sua influência e desafiar a hegemonia saudita. No entanto, essa intervenção tem causado tensões regionais e internacionais significativas com a Arábia Saudita, e seus aliados, acusando o Irã de desestabilizar a região.

Na guerra civil do Iêmen, o Irã tornou-se grande aliado ao grupo dos Houthis devido à sua necessidade de cumprir seu guia de revoluções. Outrossim, a religião, a vontade de reprimir quem oprime todos os islâmicos do mundo e a ideologia política contra o ocidente, é um dos maiores traços capazes de estabelecer a união entre iranianos e os Houthis. Sendo assim, é possível observar o embate dos dois atores contra a coalizão saudita que atua na guerra iemenita.

Mapa 1- Localização dos atores envolvidos



Fonte: Globo News

Por fim, evidencia-se que a localização dos atores envolvidos é o que possibilita a formação dos interesses e objetivos que são evidenciados por cada ator. Sendo assim, o capítulo seguinte apontará quais as intenções de cada sujeito na guerra civil do Iêmen e como cada um se posiciona na guerra em questão.

3. INTERESSES E OBJETIVOS

A pluralidade de atores na Guerra civil iemenita possibilita a criação de inúmeras vertentes, interesses e objetivos. Cada sujeito atuante tem seus próprios interesses e objetivos na guerra. Desse modo, em primeiro lugar, pode-se observar a formação da coalizão para combater essa guerra. A coalizão Saudita, que atua na Guerra do Iêmen, é formada por Arábia Saudita, Estados Unidos, Bahrein, Jordânia, Kuwait, Marrocos, Qatar e Sudão, e teve seu início em 26 de março de 2015 após o acirramento do conflito (IHS JANE'S, 2015; CORDESMAN, 2015; MILANI, 2015; STRATFOR, 2015). A criação dessa frente de batalha saudita tem por intuito auxiliar o Estado iemenita e, conseqüentemente, o governo de Hadi a manter uma estabilidade dentro do país e combater os Houthis, que eles veem como uma ameaça à estabilidade regional. Além disso, a coalizão está preocupada com o aumento da influência iraniana na região e vê o conflito no Iêmen como uma oportunidade para conter esse avanço.

No entanto, não visando somente o fim do conflito com bases em interesses do Iêmen, a Arábia Saudita busca incessantemente salvaguardar sua relação e interesses no país do conflito em questão, visando exclusivamente a posição, permanente, de maior influência regional. Como também, o país Saudita evidencia preocupação com o aumento da influência iraniana na região, especialmente através do apoio dos Houthis. Além disso, a Arábia Saudita considera o Iêmen como parte integrante de sua esfera de influência, o que significa que a estabilidade no país é vista como crucial para sua própria segurança nacional (BLUMI, 2018).

Ademais, a rivalidade regional entre Arábia Saudita e Irã pode ser demonstrada fortemente em inúmeros conflitos no Oriente Médio. Na guerra civil no Iêmen não seria diferente, o apoio dado aos Houthis por parte do Irã e o apoio dado ao governo de Hadi pela Arábia Saudita busca evidenciar quem dominaria mais a região devido a sua influência regional, sendo ela de forma mais estratégica na região, baseado na localidade ou no âmbito político estável (IHS JANE'S, 2015; CORDESMAN, 2015; MILANI, 2015; STRATFOR, 2015).

Como também é possível compreender as atuações e influências destes dos atores na guerra a partir do momento em que os mesmos se envolvem no conflito. Em exemplo a isto, tem-se a estratégia iraniana de expansão das comunidades xiitas de todo o Oriente Médio, em detrimento de tentar suprir todas as suas necessidades, sejam elas de cunho político, social ou

econômico. Segundo Santos (2018), a rivalidade geográfica e política aplicada entre Arábia Saudita e Irã é sem precedentes.

Para o Irã, é uma oportunidade única que deve ser aproveitada para promover seus interesses, afastar ou ao menos enfraquecer a influência ocidental do Oriente Médio, gerando uma mudança no status quo capaz de afetar diretamente os objetivos da política externa americana na região. Para a Arábia Saudita, o fato de o Irã influenciar áreas como Damasco incentiva um cuidado ainda maior para que o Iêmen permaneça sendo um aliado, considerando que esse seria um fator crucial para a preservação de suas fronteiras e interesses comerciais (SANTOS, 2018, p. 78).

Os fatores geoestratégicos têm sido um dos elementos-chave na rivalidade entre o Irã e a Arábia Saudita. Com isso, o objetivo do Irã é expandir sua influência na região e desafiar a hegemonia saudita no Golfo. O conflito no Iêmen oferece uma oportunidade para o Irã aumentar sua presença na Península Arábica e, potencialmente, ameaçar ainda mais a segurança do país Saudita. Entretanto, para a Arábia Saudita, a perda da relação privilegiada com o Iêmen e sua influência no Estreito de Bab El-Mandeb é considerada inaceitável e extremamente arriscada. Especialmente se essa perda estiver diretamente ligada ao Irã e seus aliados - China e Rússia - através dos Houthis, as consequências poderiam ser graves para a Arábia Saudita (BLUMI, 2018)

Ademais, ainda partindo dos princípios dos interesses e objetivos de cada ator neste conflito, pode-se observar que o Estado iraniano estabelece a tentativa constante de legitimar as ações do grupo Houthis e ainda fazer com que as ações sejam bem vistas pela comunidade regional. Entretanto, o papel da Arábia Saudita é totalmente divergente ao do Irã, com isso, em conjunto com os Estados Unidos, percebe-se a luta de influências para ver quem possui maior apoio regional do Oriente Médio (SANTOS, 2018).

Por último, referente à atuação dos Estados Unidos, evidencia-se que a relação mútua entre o mesmo e a Arábia Saudita é totalmente visada em troca de interesses, principalmente fornecendo apoio logístico e armas para a coalizão liderada pelos sauditas. Os Estados Unidos buscam continuar estabelecendo relações econômicas com a Arábia Saudita, por isso seu total apoio à coalizão que, em tese, devolveria a democracia e estabilidade ao governo Hadi. Como também, evidenciam a necessidade de controle das ações, ditas extremistas, efetuadas pelo Irã em território iemenita tendo em vista a luta contra o terrorismo e a contenção da influência iraniana na região (SANTOS, 2018).

4. DESDOBRAMENTOS GEOPOLÍTICOS DA GUERRA IEMENITA PARA A REGIÃO

O conflito iemenita conta atualmente com uma intervenção direta da Arábia Saudita através da coalizão militar denominada *Decisive Storm* (do inglês, *Tempestade Decisiva*) e com a participação indireta de demais países, como Estados Unidos, França, Rússia e Inglaterra. Desse modo, os desdobramentos geopolíticos da Guerra iemenita para a região tornam-se avassaladores tendo em vista o envolvimento de múltiplos atores, seja de forma direta ou indireta, na guerra civil do Iêmen. Em primeiro lugar, é possível observar o conflito iemenita como uma disputa de poder e influência regional devido à participação dos dois países mais influentes desta região, Irã e Arábia Saudita. Os principais atores diretos na guerra são as forças governamentais apoiadas por uma coalizão liderada pela Arábia Saudita, os rebeldes Houthis e o Irã, sendo este o principal financiador dos Houthis.

Entre os atores indiretos que têm se envolvido na guerra estão os Estados Unidos, que fornecem suporte logístico e armamento para a coalizão liderada pela Arábia Saudita, e a Rússia, que tem vendido armamentos aos rebeldes houthis. De acordo com especialistas, a intervenção da Arábia Saudita e seus aliados na guerra, sejam eles diretos ou indiretos, têm sido motivada tanto por interesses geopolíticos quanto por questões religiosas e culturais (SHARP, 2021).

Especialistas apontam que a relação entre os rebeldes houthis e o Irã é complexa, e que não se trata de um simples caso de apoio político e financeiro. Há indícios de que o Irã tenha fornecido armamentos aos rebeldes houthis, embora isso não seja confirmado oficialmente pelo país. Além disso, há também a presença de grupos jihadistas como a Al Qaeda e o Estado Islâmico, que buscam aproveitar-se da instabilidade para expandir sua influência na região (SANTOS, 2018).

Com isso, a guerra civil no Iêmen caminha não só na direção de um conflito entre as suas partes internas, mas também nos interesses de demais atores externos. As disputas de poder no conflito têm sido intensas. Além das questões religiosas e culturais, há também interesses econômicos envolvidos. O Iêmen é um importante produtor de petróleo, e o controle sobre as áreas de produção é um ponto de disputa entre as diferentes forças que atuam no conflito. Além disso, a guerra tem causado um grande impacto humanitário, com milhares de mortes e deslocamentos, além da crise de fome que assola o país.

4.1. NORMALIZAÇÃO DO CONFLITO

A guerra civil no Iêmen não eclodiu de um dia para o outro, foi preciso que resquícios de demais assuntos internos viessem a fazer com que o conflito acontecesse de fato em 2014. A normalização do conflito faz com que seja possível o Iêmen permanecer em guerra até os dias atuais, possibilitando o enfrentamento da maior crise humanitária do Oriente Médio. Além disso, o terrorismo que assola a região através das ações dos atores no conflito possibilita a perpetuação da normalização do conflito em mais uma constante (SHARP, 2021). Desse modo, é possível que os conflitos permeados no Iêmen possuem uma certa constância desde períodos anteriores à unificação, em 1990, até atualmente. Logo, tomando como ponto de partida a unificação do país iemenita, pode-se observar que este processo de união deu-se a partir da colisão de interesses relacionados a questões territoriais e fronteiriças devido à abundância de petróleo e gás natural na fronteira entre Norte e Sul (MARRA, 2019).

Mapa 2 - Separação Iêmen do Norte e Iêmen do Sul



Fonte: (Ellwanger, 2020, p.35)

A partir disso, o então presidente do Iêmen do Norte, Ali Abdullah Saleh, entra como mediador das questões necessárias para a unificação, tendo em vista a necessidade de disputa territorial entre os dois países caso houvesse o interesse da exploração nos campos de petróleo. Sendo assim, em 1990 o Iêmen do Norte e o Iêmen do Sul chegam a um consenso em prol da unificação e Ali Abdullah Saleh torna-se o escolhido como presidente interino e como o seu vice o representante do sul e líder do PSI, Ali Salim al-Beidh (MUNDY, 2018).

Entretanto, embora a ideia de um país unificado fosse o melhor devido às circunstâncias naquele momento, a ideia de um único país não se tornava sólida devido às

divergências referentes à como se iria governar o país iemenita. Por mais que Saleh tivesse se tornado presidente do país unificado, o mesmo continuava a defender os interesses dos cidadãos do Norte, assim como Ali Salim dava prioridades aos interesses do Sul. Sendo assim, os conflitos entre o Partido Congresso Popular (partido ao qual Saleh é filiado) e o Partido Socialista do Iêmen (partido de Salim) resultaram na convergência de ações que fez com que a guerra civil de 1994 eclodisse no Iêmen.

O desencadeamento deste conflito em 1994 é mais uma afirmação da normalização dos conflitos iemenitas. A construção de um país sob o viés de divergências religiosas, políticas, culturais e, até mesmo, econômicas fez com que houvesse a criação de um cenário propício ao conflito interno a qualquer momento. A crise humanitária e política que assola o Iêmen atualmente resulta de uma crise política doméstica incapaz de governar e atender as necessidades dos dois lados do conflito. Desde o início de sua história, os ideais do Norte e do Sul não convergem, estabelecendo assim a falta de capacidade da unificação pacífica do Estado iemenita (ORKABY, 2021).

Além disso, a virada do século XXI não ficou livre de conflitos, nos anos 2000 o Iêmen e a Arábia Saudita assinaram o Tratado de Jidá. Este tratado tinha como intuito estabelecer as fronteiras da Península Arábica e cessar com os conflitos de interesses que se instalavam na região fronteira entre o Iêmen e a Arábia Saudita. No entanto, o tratado não foi capaz de extinguir os conflitos existentes entre os dois países, os territórios próximos à localidade do acordo ainda eram alvos de disputa regional, devido à insatisfação nacional com o acordo, por parte do próprio Iêmen e do país Saudita (HOKAYEM, 2016). O embate fronteiro perpetua mais uma vez a normalização do conflito no Iêmen devido a relação desigual de poder que o país iemenita possui em relação ao seu vizinho.

As consequências acerca da assinatura do acordo refletiram principalmente no Iêmen, as tensões regionais entre a Arábia Saudita e o Iêmen chegaram a se intensificar devido à deportação de centenas de iemenitas que viviam no país saudita de volta ao Iêmen. Assim como exemplifica Marra (2019) “O Iêmen é visto como uma ameaça para a Arábia Saudita desde sempre, principalmente após a ascensão da al-Qaeda na Península Arábica (AQAP) a partir de 2009”. Desse modo, é possível observar que mais uma vez o território do Iêmen torna-se instrumento de política capaz de ascender com o descontentamento não só da sua população, mas também dos demais envolvidos no conflito em questão (MUNDI, 2018).

Ademais, a zona de guerra que instaura-se no Iêmen conforme o acirramento de conflitos acontece não somente com atores externos, mas principalmente com o grupo extremista dos Houthis. A região iemenita segue sendo palco de conflito devido à sua

aproximação e alinhamento com os Estados Unidos na *Guerra Contra o Terror*. A partir de 2002, o descontentamento e os protestos por parte dos Houthis se intensificou e tornou-se marcante no conflito que eclodiu em 2004 na província de Sadah. O conflito armado em questão torna-se um embate travado entre os Houthis contra o governo de Ali Abdullah Saleh não só referente ao seu alinhamento com os Estados Unidos, mas no “dito” esquecimento dos iemenitas do Sul e na repressão contra os Houthis por parte do atual governo. Assim como evidencia ALBERTINE e SILVA (2020):

Enquanto as Guerras Houthis ocorriam no Norte, um movimento separatista se organizava no Sul. O Al-Hirak, como ficou conhecido, começou de forma pacífica e cobrava do governo mais investimentos no sul. Entretanto, o governo começou a responder de forma violenta aos protestos. Diante disso, como destaca Ellwanger (2020, p. 45), com as respostas agressivas por parte de Saleh, os representantes do al-Hirak passaram a sustentar intensamente a ideia de secessão, sendo denominados componentes do “Movimento Separatista do Sul”. Esse movimento tornou-se não só um obstáculo ao governo, mas uma potencial ameaça ao desfazimento do Estado iemenita. (ALBERTINE e SILVA, 2020, p. 304)

Ainda estabelecendo conceitos capazes de exemplificar a normalização do conflito no Iêmen, há um grande fator de agravamento do conflito não só no Iêmen, mas em todo o Oriente Médio: a Primavera Árabe. A partir de 2011, uma série de protestos contra ditadores e reivindicações por melhores condições de vida eclodiu no Oriente Médio e no norte da África. Desse modo, salienta-se que as manifestações em questão foram o estopim necessário para intensificar cada vez mais a oposição dos Houthis contra o governo de Saleh (HEINZE, 2018). Todas essas divergências políticas, sociais e de interesses culminaram em inúmeros conflitos físicos pela história do Iêmen. Em exemplo a isto, tem-se a transição da presidência de Ali Abdullah Saleh para Abd-Rabbu Mansour Hadi, o até então vice-presidente do Estado iemenita.

Entretanto, a transição de governo entre os dois ocorreu de forma bastante conturbada. Saleh recua com a decisão de sair pacificamente da presidência e o país segue mergulhando em oposição ao governo vigente e os índices de pobreza, fome e desemprego continuam a crescer de forma exponencial. Contudo, mesmo com a troca de governos, o Iêmen continua se afundando em oposição ao governo que se instaura no poder. Assim como exemplifica Marra (2019):

Mesmo com a eventual transição de poder para Abd-Rabbu Mansour Hadi, as condições no país pioram de maneira sistemática, e o Iêmen é assolado por desemprego em massa, insegurança alimentar e movimentos separatistas no sul. O país passou por eleições em 2012, e Hadi concorreu sozinho ao posto; mesmo com boicote dos separatistas e da oposição política Houthi, Hadi obteve 65% dos votos e

enfrentou resistências severas: Houthis e apoiadores de Saleh se juntaram para criar movimentos de resistência ao novo governo. (MARRA, 2019, p. 89)

A suposta *guerra fria* entre o governo de Hadi e os Houthis perdurou até 2015 quando de fato eclodiu mais uma guerra civil no Iêmen. Em 2014, os Houthis tomaram posse da cidade de Sana'a e somente em 2015 que a guerra civil iemenita tomou proporções nacionais. O presidente Hadi fugiu para a Arábia Saudita em busca de refúgio e, com o aumento do conflito interno no Iêmen e receio do agravamento da influência iraniana na região da península arábica, a Arábia Saudita declarou guerra aos Houthis a partir da sua coalizão militar.

Por fim, observa-se que a normalização do conflito na guerra do Iêmen atua de forma bastante clara devido ao fato da quantidade de vezes em que o embate político do Estado iemenita ultrapassa barreiras. Logo, entende-se por *normalização* o procedimento que consiste em passar a encarar o conflito armado e a violência como fenômenos rotineiros e habituais do dia a dia, bem como partes integrantes da estrutura social de uma localidade específica. Consequentemente, a normalização do conflito no Iêmen se refere ao fato de as comunidades tanto locais quanto internacionais começarem a perceber o conflito como algo natural (HEINZE, 2018).

Bem como, é possível perceber que as divergências políticas e sociais dos atores envolvidos em quaisquer indício de conflito iemenita, possibilitam a perpetuação de uma zona de tensão e consequentemente facilitam a iminência do conflito. Com isso, a qualquer divergência de ideias e políticas constatasse a normalização dos conflitos que se perpetuam no Iêmen. Além disso, a aplicação do uso extremo da força por diversas vezes precisou ser mantido constantemente na guerra civil. Como também, a coalizão saudita em inúmeras atuações se utilizou do intenso ataque aéreo a áreas estratégicas para que seja impossível chegar novos recursos ao país.

Diante disso, o Estado iemenita, além de vivenciar as tensões externas frequentes dentro do próprio país, também vivencia questões domésticas separatistas que tomam grande proporções, sejam ela de cunho mais social ou mais bruto, como por exemplo o uso excessivo de terrorismo nas ações de determinados atores da guerra civil. Como também, assim como exemplifica Albertine e Silva (2020) a fragmentação total do Estado do Iêmen é resultado da combinação de múltiplos fatores, incluindo a intervenção estrangeira vindas do Irã e Arábia Saudita.

4.2. INTENSIFICAÇÃO DO TERRORISMO NA REGIÃO

Assim como demais assuntos pertencentes ao Oriente Médio, a guerra civil no Iêmen não possui tanta visibilidade nos assuntos de segurança internacional, entretanto, no conflito armado em questão o terrorismo não deixou de existir. Os três principais atores desta guerra, os Houthis, o Irã e a Arábia Saudita, são os maiores responsáveis da intensificação do terrorismo nessa região. A aliança formada entre o Irã e os Houthis é o que mais preocupa os países apoiadores da coalizão saudita. O país iraniano tem como fonte de princípio político a divergência acerca dos interesses intervencionistas dos Estados Unidos no Oriente Médio, o que conseqüentemente, estabeleceu um aumento de tensões na região do Golfo (HEINZE, 2018).

Com isso, a partir da intensificação do terrorismo nesta região de conflito, observa-se a retaliação constante de ações terroristas por partes dos lados do conflito, seja ele dos Houthis iemenitas ou por parte da coalizão saudita. Desse modo, os Houthis possuem uma campanha de ataques aéreos de alto nível contra a intervenção militar liderada pelo país saudita, desde 2015, na guerra civil do Iêmen. Observa-se que as forças Houthis do Iêmen lideraram ataques capazes de enfraquecer a coalizão Saudita a partir de ataques estratégicos em pontos específicos do Iêmen e no próprio país responsável pela coalizão. Em exemplo a isto, no último mês de Março, um ataque aéreo foi efetuado nas instalações civis, de energia e de petróleo, em Jeddah na Arábia Saudita, com intuito de fragilizar a intervenção militar no Iêmen. (MARTHA. 2018)

Além disso, na tentativa de estabelecer uma contrapartida, a coalizão militar respondeu aos ataques efetuados no país saudita com ataques aéreos nos portos marítimos de Hudaydah e Salif, sendo estes portos atualmente controlados pelos Houthis no Iêmen. Como também, a capital do Iêmen, Sana'a, foi alvo de ataques em busca de retaliação, o que culminou na morte de civis iemenitas. A busca incessante por retaliação faz com que o terrorismo se espalhe pela região e a crise humanitária se acentue devido ao aumento do número de mortos e feridos com a guerra civil no Iêmen.

Ademais, ainda relacionado aos ataques a pontos estratégicos, o grupo extremista dos Houthis reivindicaram, no início de 2022, 16 ataques no território da Arábia Saudita. Entre eles, estaria o incêndio causado na North Jeddah, uma das maiores instalações de petróleo do país que lidera a coalizão. Esta empresa é responsável por armazenar diesel, gasolina e combustível de aviação para as empresas daquela região de Jeddah, a segunda maior cidade

do país, sendo esta uma empresa de grande porte e valor para o Estado Saudita. A estratégia de destruição da refinaria North Jeddah conta com o intuito de desestabilizar a coalizão através do ataque a responsável por mais de um quarto de todos os suprimentos do país saudita (LIMÃO, 2019).

Além dos ataques estratégicos capazes de desestabilizar a economia Saudita, houveram também ataques aéreos a tanques de água situados na cidade de Dhahran, ao qual foram destruídos não só a fonte principal de distribuição de água potável da cidade, mas também inúmeras casas e veículos de cidadãos civis. As investidas efetuadas por parte dos Houthis, e por parte da Arábia Saudita, têm por predominância tanto ataques aéreos com mísseis e drones quanto grande caráter marítimo a partir do bloqueio e restrições portuárias aos envolvidos no conflito.

Assim como já apresentado, a operação de coalizão militar denominada *Decisive Storm*, liderada pela Arábia Saudita, teve seu início em Março de 2015 e tinha como intuito estabelecer uma campanha de ataques aéreos, através de drones e mísseis, implantação de forças terrestres e, posteriormente, operações navais contra o grupo extremista Houthis no Iêmen. A coalizão Saudita em questão, possui maior atuação aérea e terrestre, entretanto, as operações navais na costa do Iêmen possuem uma atuação muito forte no país devido ao objetivo de impedir que o fluxo de armas fossem fornecidas aos Houthis. Contudo, essa fiscalização na costa naval do Iêmen possibilitou o país se aprofundar em um isolamento não só econômico, devido a dificuldade de relações econômicas permanecerem em curso com o país em estado iminente de guerra, mas também fez com que fosse possível o Iêmen entrar em uma forte crise humanitária.

Desse modo, é possível observar que a intensificação do terrorismo também demonstra-se na forma em que as operações navais foram efetuadas na costa do Iêmen. No início de 2015, o governo iemenita, em conjunto com todos os apoiadores da coalizão militar Saudita, decretou que as águas territoriais do Iêmen iriam ser fechadas temporariamente para navegação comercial e humanitária devido às medidas cautelosas tomadas pelo governo em questão. Logo, assim como exemplifica Fink (2017);

Todos os navios comerciais e militares não podem entrar nas zonas designadas sem obter permissão do governo legítimo do Iêmen. Os navios permitidos estarão sujeitos a inspeção antes de se dirigirem aos portos iemenitas. Em nível operacional, as forças navais da coalizão estabelecem um processo de parada e inspeção compulsória de navios que faziam escala nos portos iemenitas e que agora precisavam obter permissão de entrada. (FINK, 2017, p. 67)

Alguns relatórios públicos sobre o conflito civil no Iêmen denominam a operação naval da coalizão Saudita como uma medida de “bloqueio naval”, tornando-se assim algo

completamente prejudicial em determinados âmbitos para o Estado iemenita. Em primeiro lugar, tem-se a ratificação por alguns autores, como Martin D. Fink (2017), de que as medidas da operação naval são ilegais, tendo em vista o agravamento da crise humanitária em que se encontra o país. Desde os primórdios da operação, os responsáveis pela coalizão Saudita afirmam agir em prol de impedir que um grande fluxo de armas chegasse às mãos dos Houthis e, conseqüentemente, a concretização da influência iraniana fosse instaurada (HILL, 2017)

Entretanto, a coalizão através do bloqueio naval fez com que a apreensão de outras mercadorias também fossem efetuadas. Mercadorias como combustível e alimentos de subsistência não puderam ser entregues à população devido ao bloqueio naval, agravando, conseqüentemente, a situação humanitária no Iêmen. Assim como exemplifica o autor Fink (2017), o bloqueio naval mais do que impedia a influência iraniana de perpetuar-se na região do Golfo, a parte marítima da coalizão fez com que fosse possível transformar o Iêmen numa das piores crises humanitárias já vistas no Oriente Médio tendo em vista a escassez de alimentos básicos para subsistência, água e recursos médicos como remédios.

Nasceu a visão de que, como resultado imediato do estabelecimento das medidas, desenvolveu-se um crescente desastre humanitário. Tem sido amplamente divulgado que as medidas de fiscalização naval tiveram um impacto maciço na população civil e o Iêmen estava à beira da fome. (FINK, 2017, p.75).

Por último, conclui-se que além do terrorismo dos Houthis a fim de estabelecer um novo governo no Iêmen, a coalizão Saudita também utiliza-se do terrorismo em suas ações. É através da forma como a Arábia Saudita, Irã e os Houthis atuam na guerra civil iemenita que pode-se entender os desdobramentos estratégicos e capacidades dos atores envolvidos no conflito em questão.

5. DESDOBRAMENTOS ESTRATÉGICOS E DE DEFESA DOS ATORES ENVOLVIDOS NA GUERRA CIVIL DO IÊMEN

A Guerra Civil do Iêmen, um conflito intrincado e multifacetado, evoluiu de um movimento insurgente regional para um complexo campo de batalha estratégico, envolvendo atores regionais e globais com interesses diversos. Esta análise foca no poderio militar dos Houthis, observando suas capacidades de defesa e desdobramentos estratégicos, e como eles influenciaram o curso da guerra até o presente momento.

Os Houthis, um grupo de insurgentes baseado no norte do Iêmen, evoluíram significativamente em termos de suas capacidades militares desde o início do conflito. Inicialmente armados com pequenas armas leves, os Houthis desenvolveram suas capacidades até o ponto em que agora possuem e operam uma variedade de sistemas de armas mais sofisticados, incluindo mísseis balísticos e drones. Isso permitiu ao grupo resistir às ofensivas militares da coalizão liderada pelos sauditas e lançar ataques retaliatórios eficazes, incluindo incursões ao território saudita. (RODER, 2016)

Por outro lado, a Arábia Saudita, como o principal protagonista da coalizão militar que intervém no Iêmen, possui um dos exércitos mais bem financiados e equipados do Oriente Médio. Contudo, apesar de seu superior poderio militar, a Arábia Saudita tem enfrentado dificuldades em alcançar seus objetivos estratégicos no Iêmen. Isso se deve, em parte, ao terreno montanhoso do país, que favorece táticas de guerrilha e a resistência dos Houthis. A capacidade dos Houthis de realizar ataques de retaliação no território saudita também tem implicações estratégicas significativas para o Reino, principalmente na segurança de suas infraestruturas críticas, como as instalações petrolíferas.

Entretanto, o papel do Irã no conflito do Iêmen tem sido objeto de intensa especulação e debate. Apesar de negar repetidamente o envolvimento direto, é amplamente aceito que o Irã tem fornecido apoio material e logístico aos Houthis, incluindo a transferência de tecnologia de armas. Essa assistência tem permitido aos Houthis melhorar suas capacidades defensivas e ofensivas. Contudo, o grau de controle iraniano sobre os Houthis é contestado. Com isso, a influência do Irã é mais provavelmente exercida de maneira indireta e limitada, moldando o conflito de acordo com seus próprios interesses estratégicos, mas sem um controle direto sobre o curso das operações no terreno. (FARIA, 2022)

Logo, os desdobramentos estratégicos e capacidades de defesa dos atores envolvidos na Guerra Civil do Iêmen refletem a complexidade e a evolução do conflito. Os Houthis, a Arábia Saudita e o Irã possuem diferentes capacidades e enfrentam desafios únicos na busca de seus objetivos. A dinâmica deste conflito ressalta a importância do entendimento das capacidades militares e estratégias dos atores envolvidos para a compreensão das tendências futuras da guerra e possíveis caminhos para a resolução do conflito

5.1. A ESTRATÉGIA DO BOMBARDEIO AÉREO

Nesse contexto, este artigo considera a evolução do estilo de guerra Houthi desde suas primeiras campanhas de insurgência em 2004-2011 para o conflito em curso. Em seguida, avalia como os houthis construíram uma estratégia eficaz de compulsão contra as forças armadas convencionais usando mísseis e drones, explicitamente inspirada na estratégia do Hezbollah no sul do Líbano durante o período de 1992-2000. Os ataques com mísseis obviamente não são as únicas táticas empregadas pelos Houthis. Desde o início da guerra em 2015, o grupo lançou inúmeras ofensivas terrestres e, em particular, incursões na fronteira da Arábia Saudita que às vezes levaram a resultados espetaculares.

A evolução do conflito reflete uma escalada acelerada de ataques com mísseis e drones, sublinhando a centralidade gradual da guerra com mísseis para os houthis. Em comparação com o Hezbollah ou o Hamas, a capacidade dos Houthis de armazenar um estoque robusto de armas e treinar seus combatentes para usá-las de maneira eficaz sugere uma aceleração significativa no processo de aprendizado estratégico e operacional de atores não estatais. Essa estratégia nascente foi possível graças ao apoio de ex-oficiais do regime de Saleh e ao envio de conselheiros e recursos do Hezbollah e do Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC). Saleh provou ser incapaz de administrar a governança tão necessária para a região de Sa'dah em termos de infraestrutura, bem-estar social, educação e segurança (ELLWANGER, 2020)

Entre 2004 e 2010, os Houthis travaram nada menos que seis guerras contra o regime de Saleh. Esses conflitos eram curtos — geralmente de alguns meses — e terminaram com vitórias militares inconclusivas do governo, que cessou temporariamente as hostilidades. Ao longo desses conflitos, os Houthis se transformaram em uma insurgência que lançou ataques surpresa, usou táticas de ataque e fuga e realizou emboscadas contra o exército iemenita. Eles usaram conexões locais e tráfico ilícito para travar uma guerra prolongada contra as autoridades estatais. As primeiras rodadas do conflito envolveram manifestações e combates acirrados entre combatentes houthis e forças do governo nas montanhas Marran. No geral, o modo de guerra inicial dos Houthi era rudimentar.

Um relatório da RAND publicado em 2010 descrevia os houthis como uma organização frouxa que dependia de “grupos de combate desconectados”. Acredita-se que os protestos que levaram à queda de Saleh desencadearam o fornecimento de assistência militar e financeira do Irã aos houthis, e o envio de armas pequenas aumentou a sério. De 2004 a 2015, não houve registro de Houthis usando mísseis contra seus oponentes. Em conflitos anteriores, os combatentes houthis lutaram nas montanhas (no distrito de Haydan) ou em áreas urbanas (Sa'dah, Kit Af). Eles usaram armas de pequeno a médio porte, como granadas

de mão, e geralmente emboscaram ou atacaram abertamente as forças do governo. O foco nas áreas de fronteira ocorreu simultaneamente com a evolução da batalha dentro do Iêmen. (FARIA, 2022)

Após a conquista inicial de Sanaa em 2014, os Houthis se expandiram para o sul até Aden e para o oeste até Al Hudaydah. Em 2016, os Houthis aumentaram a frequência e ampliaram o alcance dos ataques com mísseis. Os ataques em 2015 foram conduzidos com mísseis Scud-B e Scud-C. A partir de fevereiro de 2016, o Burkan-1 e o Burkan-2H teriam sido introduzidos no campo de batalha do Iêmen, permitindo que os Houthis alcançassem alvos mais distantes. Além disso, os mísseis não atingiram apenas as forças da coalizão; eles também visavam o território saudita e os navios que cruzavam o Mar Vermelho.

Em meados de outubro de 2016, os Houthis começaram a atacar alvos mais ao norte na Arábia Saudita: um míssil balístico foi disparado na base militar de Taif e, no final daquele mês, as forças sauditas relataram a interceptação de um míssil perto de Meca. Nesse mesmo período, o grupo também usou um míssil anti navio no Mar Vermelho para atingir um navio dos Emirados Árabes Unidos. Logo os Emirados Árabes Unidos, aliado mais próximo da Arábia Saudita e maior contribuinte para a guerra, também se tornaram um alvo. Em dezembro de 2017, os Houthis declararam ter lançado um míssil de cruzeiro no reator nuclear de Barakah, no emirado de Abu Dhabi. (FARIA, 2022).

Em janeiro de 2017, a fragata saudita Al Madinah foi atacada por *barcos suicidas* perto do porto de Al Hudaydah, na Red Sea. Em junho de 2019, um míssil de cruzeiro foi lançado contra o aeroporto de Abha, no sul da Arábia Saudita. E no início de 2019, os Houthis começaram a empregar drones com mais frequência, parte de sua estratégia militar sugere uma estratégia de compulsão. A linha do tempo apresentada acima revela especificamente como mísseis e drones ocuparam o centro do palco no conflito no Iêmen. Isso confirma que esses arsenais foram integrados à postura militar Houthis em um período de tempo notavelmente curto.

Esse ritmo impressionante de aprendizado tem alimentado suspeitas sobre o apoio externo que o grupo tem recebido. De fato, se os Houthis não tinham histórico de uso anterior de tais arsenais, como explicar o súbito emprego extensivo de tais armamentos? Antes do conflito, o regime de Saleh não tinha um programa de mísseis local. Armazenava, no entanto, uma pequena quantidade de mísseis Scud-B e mísseis Hwasong-6 adquiridos nos anos oitenta e noventa. (FARIA, 2022). Como observou o Painel de Especialistas da ONU no Iêmen, em maio de 2017, os Houthis estavam disparando mísseis balísticos de longo alcance, demonstrando a decisão do Irã de aprofundar seu apoio aos Houthis e o amadurecimento do

treinamento Houthis. Assim, alguns meses depois, em dezembro de 2017, a embaixadora dos EUA na ONU, Nikki Haley, emitiu uma forte declaração condenando o Irã por transferir essas armas para os Houthis.

O Irã pode ter ajudado os Houthis a fazer uso sistemático dele para passar de uma insurgência local a um ator não estatal capaz de desafiar as potências regionais. O tamanho desse estoque importa menos do que a maneira como os Houthis o usam. Isso ressoa com o debate clássico sobre o papel da tecnologia na guerra: como enfatiza Michael Horowitz, “é o emprego de tecnologias pelas organizações, e não as próprias tecnologias, que na maioria das vezes faz a diferença”. A influência estratégica do Irã e do Hezbollah é evidente na evolução da estrutura militar dos Houthis. Um dos principais desafios parece ter sido a mudança organizacional exigida pela implantação desse arsenal.

Durante os conflitos de 2004-14, os Houthis permaneceram em grande parte uma milícia baseada em laços tribais, mas há indícios de que o movimento está se tornando uma força mais organizada. Agora comanda três brigadas de mísseis sob a liderança do major-general Muhammad Nasser Ahmed al-Atifi, ex-comandante das brigadas de mísseis do regime de Hadi que desertou e se juntou aos houthis para se tornar seu ministro da Defesa. O grupo também assumiu o controle do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento de Mísseis das Forças Armadas do Iêmen, que os Houthis afirmavam estar desenvolvendo mísseis como o Burkan (FARIA, 2022). Em janeiro de 2018, os Houthis declararam publicamente seu objetivo de bloquear as rotas marítimas do Mar Vermelho usando mísseis de cruzeiro antinavio. Uma fonte militar rebelde disse que eles planejavam atacar 300 alvos sauditas e dos Emirados Árabes Unidos, incluindo quartéis-generais e bases militares em ambos os países e suas bases no Iêmen. Concretamente, a influência do Hezbollah assumiu a forma de treinamento de combatentes iemenitas antes mesmo da tomada de Sanaa em 2014

A estratégia de bombardeio aéreo dos Houthis na guerra civil do Iêmen se caracteriza pela intensificação do terrorismo na região através de seus ataques. Os Houthis têm utilizado uma variedade de armas, incluindo mísseis balísticos, mísseis de cruzeiro e drones carregados de explosivos, para atingir alvos tanto militares quanto civis na Arábia Saudita e em outros países da região do Golfo.

Uma das principais características da estratégia dos Houthis é o uso de mísseis balísticos e de cruzeiro para atacar alvos estratégicos, como refinarias de petróleo, instalações da Saudi Aramco e outros locais-chave. Esses ataques têm como objetivo interromper a cadeia de suprimentos saudita e impactar o fluxo de petróleo, causando danos psicológicos.

Além disso, os Houthis têm como alvo as críticas de infraestruturas, buscando minar a coalizão liderada pela Arábia Saudita. (FARIA, 2022).

Ademais, os Houthis também têm usado drones com explosivos para realizar ataques contra alvos civis, como áreas residenciais e instalações comerciais. Esses ataques indiscriminados causaram mortes e lesões civis, além de danos materiais. A estratégia dos Houthis visa semear o medo e o terror entre a população civil, gerando instabilidade e desestabilizando a região.

Essa intensificação do terrorismo na região através dos ataques dos Houthis tem sido possível, em parte, devido ao apoio recebido do Irã. A Força Quds da Guarda Revolucionária Islâmica do Irã tem fornecido treinamento, armas sofisticadas, tecnologia e outras formas de atendimento aos Houthis. O Hezbollah libanês também desempenhou um papel crítico no fornecimento de armas e treinamento. A estratégia de bombardeio aéreo dos Houthis, que visa alvos predominantemente civis, é uma violação do direito internacional humanitário e dos princípios básicos de proteção aos civis em conflitos armados. Esses ataques indiscriminados causam sofrimento desnecessário à população civil e motivados para a escalada do terrorismo na região.

Para combater essa intensificação do terrorismo na região e a estratégia de bombardeio aéreo, é necessário que os Estados Unidos e outros países forneçam assistência adicional à Arábia Saudita para fortalecer suas defesas e proteger o país contra os ataques dos Houthis. Além disso, esforços diplomáticos e de sucesso devem ser buscados para buscar uma solução política para o conflito no Iêmen, buscando a paz e a permanência duradoura na região.

5.2 ASTROS II

O Brasil emergiu como um participante indireto no conflito do Iêmen, através da venda de armas à coalizão liderada pela Arábia Saudita. A descoberta de armas de fragmentação produzidas pela empresa brasileira Avibras Indústria Aeroespacial no território iemenita aponta para uma conexão entre a indústria bélica brasileira e o conflito iemenita, e levanta questões sobre a responsabilidade do Brasil na manutenção do conflito e na exacerbação da crise humanitária.

As armas de fragmentação, como os foguetes SS-60 e SS-80 lançados pelo sistema Astros, representam uma ameaça significativa para os civis devido à sua falta de precisão e à possibilidade de não detonação imediata. Com isso, estas armas são proibidas por muitos

Estados sob o Direito Internacional Humanitário, devido ao seu potencial de causar danos indiscriminados e danos a longo prazo após o conflito. O Brasil, no entanto, juntamente com a Arábia Saudita e os Estados Unidos, não aderiu a essa resistência. (SHARP, 2021)

Além disso, o papel do Brasil no conflito do Iêmen é, em grande parte, definido por sua indústria de armas e por sua política de exportação de armas. Apesar de ser um dos primeiros signatários do Tratado sobre o Comércio de Armas (TCA) em 2013, que visa prevenir a venda de armas a países que podem cometer crimes contra a humanidade ou violar leis humanitárias, o Brasil ainda não ratificou o tratado. Logo, esta lacuna na regulamentação brasileira permite que a venda de armas a países envolvidos em conflitos, como a Arábia Saudita, continue, exacerbando os conflitos e desejando para as crises humanitárias.

A venda de armas brasileiras à coalizão saudita, juntamente com a não adesão ao tratado que proíbe armas de fragmentação, sugere que a política de armas do Brasil não está em linha com as normas internacionais de direitos humanos. Isso é agravado pelo fato de que a política de exportação de armas do Brasil é regida por um decreto militar da época da ditadura, que carece de transparência e supervisão adequada. A consequência dessa falta de transparência e regulamentação é a perpetuação de conflitos como o do Iêmen, onde as armas brasileiras são usadas para causar danos à população civil.

Ademais, a participação do Brasil no conflito do Iêmen através da venda de armas pode ser planejada para outras ilegalidades na guerra, como o bloqueio marítimo implementado pela coalizão saudita. O bloqueio, que visa impedir o fluxo de armas para os rebeldes houthis, têm impedido a entrada de alimentos, medicamentos e combustíveis no Iêmen, exacerbando uma crise humanitária. Sendo assim, a venda de armas do Brasil à coalizão pode estar motivada apoiando esta estratégia, confiante para a sua continuidade. Diante disso, a participação do Brasil na guerra civil do Iêmen é complexa e multifacetada, embora o Brasil não esteja diretamente envolvido.

5.3 BLOQUEIO MARÍTIMO

A Guerra do Iêmen, uma complexa disputa armada envolvendo uma variedade de partes beligerantes, têm visto, como parte de suas operações militares, a imposição de um bloqueio naval na costa do país. Este bloqueio, muitas vezes referido como uma medida de imposição naval, tem sido a fonte de considerável controvérsia e debate, particularmente no que se refere à sua legalidade e ao seu impacto na já grave situação humanitária no Iêmen.

As operações navais da coalizão têm o intuito declarado de impedir o influxo de armas destinadas aos houthis, um movimento insurgente baseado no Iêmen. Contudo, a implementação dessas medidas tem levantado questões significativas acerca do direito internacional das operações militares, bem como sobre o impacto humanitário dessas operações. Enquanto o bloqueio tem sido efetivo na limitação do influxo de armas, também tem tido um efeito significativo na entrega de bens essenciais e na circulação de pessoas, exacerbando a já precária situação humanitária do país (ORKABY, 2021).

Um ponto central deste debate é o efeito devastador que o bloqueio tem tido sobre a população civil do Iêmen. A medida tem impedido a entrada não apenas de armas, mas também de mercadorias essenciais, como alimentos e combustível, exacerbando a situação de escassez e contribuindo para a crise humanitária que tem deixado milhões de iemenitas à beira da fome. A interrupção do comércio e da ajuda humanitária está causando sofrimento massivo e, para muitos, é vista como ilegal de acordo com o direito internacional humanitário.

Ademais, outra questão intrincada é a legalidade do bloqueio sob o direito internacional. A lei do bloqueio é um regime legal específico que regula como os bloqueios beligerantes podem ser legalmente estabelecidos e aplicados. Com isso, as operações navais da coalizão reúnem uma série de questões no que diz respeito ao direito internacional das operações militares. A legalidade das medidas de imposição naval na costa do Iêmen tem sido amplamente debatida e está longe de ser resolvida (ORKABY, 2021)

Diante disso, a implementação do bloqueio naval no Iêmen pela coalizão liderada pela Arábia Saudita tem ampliado a crise humanitária no país, enquanto levanta questões significativas sobre a legalidade e a legitimidade dessas medidas sob o direito internacional. É imperativo que as partes beligerantes, a comunidade internacional e as organizações de direitos humanos e humanitárias busquem soluções para mitigar o impacto humanitário do bloqueio e garantir sua conformidade com o direito internacional.

5.4. A ESTRATÉGIA DA GUERRA ALIMENTAR

O impacto da estratégia da coalizão militar liderada pela Arábia Saudita sobre a população civil do Iêmen é substancial e multifacetado, com instruções a longo prazo na segurança, saúde, economia e infraestrutura do país. A estratégia da guerra alimentar é

efetivada, principalmente, com a interação entre o bloqueio imposto pela coalizão e a emergência da fome como uma arma de guerra no Iêmen.

Desse modo, a estratégia da coalizão tem várias vertentes, mas o elemento mais debilitante é, indubitavelmente, o bloqueio terrestre, aéreo e marítimo, instaurado com o objetivo declarado de impedir o influxo de armas para os rebeldes houthis (BLUMI, 2018). Com isso, este bloqueio tem impedido a entrada não apenas de armas, mas também de alimentos, medicamentos e combustível, suprimentos necessários para a sobrevivência da população civil.

Bem como já foi posto anteriormente, o Iêmen é um dos países mais dependentes de importações no mundo, com mais de 90% dos seus alimentos e quase todos os seus medicamentos e combustíveis sendo importados, segundo o Comitê Internacional da Cruz Vermelha. Ao bloquear o acesso a esses insumos dolorosos, a coalizão exacerbou uma crise humanitária já existente, provocando um aumento alarmante na taxa de mortalidade, especialmente entre crianças e idosos.

Sendo assim, essa política de bloqueio, aliada aos efeitos da guerra, destruiu o sistema de saúde do Iêmen, levando ao surgimento de surtos epidêmicos, incluindo o surto de cólera mais grave na história moderna. Além disso, a destruição da infraestrutura do país, incluindo estradas, pontes, usinas de energia e redes de saneamento, tornou ainda mais difícil a distribuição de ajuda humanitária e exacerbou a economia de alimentos (BLUMI, 2018).

Neste cenário, a fome emergiu como uma arma de guerra, com o bloqueio sendo usado para privar a população civil de alimentos e outros insumos básicos, numa tentativa de enfraquecer os houthis. Essa estratégia, no entanto, teve um impacto desproporcional sobre a população civil, que se encontra numa situação de insegurança alimentar extrema. Segundo a ONU, a fome no Iêmen é a pior crise de fome no mundo, com milhões de pessoas em risco de morrer de inanição. No entanto, embora se dialogue sobre o bloqueio marítimo em questão, a fome pode não ter se estabelecido como uma arte de guerra intencional, mas apenas uma consequência em larga escala da coalizão.

É proibido utilizar contra os civis a fome como método de guerra”. Pode ser que a medida adotada não visava imediatamente esta atitude, entretanto, tendo-se conhecimento prévio da situação em que se encontrava o país a época que foram estabelecidos os bloqueios, assim como, o conhecimento do quão os portos e aeroportos eram essenciais para a manutenção da sobrevivência da população, os países da coalizão assumiram o risco ao fazê-lo, pois entendiam as consequências de suas ações e sabiam que essa estratégia poderia resultar em fome para a população. Essa atitude gerou o temor generalizado de desabastecimento total do país, lançando aproximadamente 27 milhões de pessoas em uma grave situação de insegurança alimentar em níveis distintos de risco por região do país (BLUMI, 2018, p. 45).

O uso da fome como arma de guerra não é apenas eticamente questionável, mas também constitui uma violação do direito internacional humanitário, que proíbe explicitamente essa prática. Além disso, pode ser considerado um crime contra a humanidade, dado o sofrimento deliberado e sistemático causado à população civil.

Diante disto, a estratégia da coalizão liderada pela Arábia Saudita teve um impacto devastador sobre a população civil do Iêmen, não apenas em termos de perdas humanas diretas, mas também em termos de saúde, segurança e bem-estar a longo prazo. A fome emergiu como uma consequência indireta e particularmente cruel desta estratégia, agravando uma crise humanitária já existente e envolvendo a vida de milhões de iemenitas numa luta diária pela sobrevivência

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A guerra do Iêmen, que se desencadeou a partir dos antecedentes das revoluções populares da Primavera Árabe, é resultado de uma série de fatores complexos e multifacetados. Ao longo deste artigo, analisamos como esses antecedentes contribuíram para a atual situação de conflito devastador que assola o país. Divergências culturais, sociais, religiosas, econômicas e políticas têm sido obstáculos significativos para a resolução do conflito, impedindo a unificação do povo iemenita.

Um dos fatores que tem contribuído para a normalização do conflito na região é a presença de interesses diversos por parte dos atores envolvidos. A divisão do povo iemenita entre grupos rebeldes apoiados pelo governo e grupos rebeldes contrários ao governo tem gerado um cenário propício para o conflito se perpetuar. A Arábia Saudita e o Irã, atores regionais que apoiam diferentes grupos no Iêmen, têm influenciado significativamente o curso da guerra. Além disso, atores internacionais, como Estados Unidos, Inglaterra e França, têm fornecido armas para ambos os lados do conflito, intensificando as hostilidades.

Essa complexa teia de interesses e apoios externos tem levado a uma série de desdobramentos estratégicos na região. As incursões houthis na vizinha Arábia Saudita, com constantes ataques a navios sauditas, demonstram como o conflito iemenita pode se espalhar além das fronteiras do país. A presença de atores externos e suas estratégias de defesa também aumentam o risco de a guerra se tornar um problema regional.

Os desdobramentos estratégicos dessa guerra têm contribuído para agravar a crise humanitária no Iêmen. As capacidades tecnológicas e o potencial político dos diferentes atores têm sido utilizados para fins militares, resultando em um país devastado e milhões de pessoas em situação de fome e necessidade. A estratégia de defesa adotada por cada um dos atores envolvidos têm levado a um ciclo de violência e destruição, sem uma perspectiva clara de solução.

Diante desse cenário, é evidente que a guerra do Iêmen representa não apenas uma crise humanitária, mas também um problema estratégico para a região do Oriente Médio. A compreensão dos antecedentes desse conflito, dos interesses em jogo e das estratégias adotadas pelos atores envolvidos é fundamental para uma análise abrangente e informada sobre a situação atual. É necessário buscar soluções diplomáticas e políticas que visem a um cessar-fogo duradouro e a uma resolução pacífica para a guerra, a fim de mitigar os efeitos devastadores que o conflito tem sobre a população iemenita e a região como um todo.

Em última análise, é imprescindível que a comunidade internacional se engaje de maneira efetiva na busca por uma solução política e humanitária para a guerra do Iêmen. Somente através do diálogo, da cooperação e do compromisso com a paz será possível interromper o ciclo de violência e sofrimento que assola o país, promovendo assim a estabilidade e a segurança necessárias para o Oriente Médio

7. REFERÊNCIAS

ALBERTINI, Maria de L. M. **Iêmen: a pior crise humanitária do mundo**. Belo Horizonte, jan. 2020.

ARMAS brasileiras abastecem a guerra no Iêmen. El País, 2015. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/13/opinion/1447441086_369498.html. Acesso em: 22 de dezembro de 2022.

BLUMI, Isa. **Destroying Yemen: What Chaos in Arabia Tell Us About the World**. University of California, 2018.

Bloqueio ao Iêmen pode aumentar média de 130 crianças mortas diariamente - ONG. **Diário de Notícias**, 2017. Disponível em: <https://www.dn.pt/lusa/bloqueio-ao-iemen-pode-aumentar-media-de-130-criancas-mortas-dia-riamente---ong-8921425.html>. Acesso em: 15 de março de 2023.

Bloqueio saudita ao Iêmen causará onda de fome com milhões de vítimas. PCB, 2017. Disponível em: <https://pcb.org.br/portal2/17201>. Acesso em: 8 de dezembro de 2023.

Brasil impulsiona seu setor armamentício à custa do Iêmen. Instituto Humanitas Unisinos, 2017. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/571366-brasil-impulsiona-seu-setor-armamenticio-a-custa-do-iemen>. Acesso em: 1 abril. 2023.

ELLWANGER, Aléxia da S. **Uma análise sobre a guerra civil no Iêmen.** Trabalho de Conclusão de Curso - Relações Internacionais, Universidade de Santa Cruz do Sul. Santa Cruz do Sul, 2020.

Fome como arma de guerra. Observatório de crises internacionais, 2021. Disponível em: <https://sites.ufpe.br/oci/2021/09/20/fome-como-arma-de-guerra/>. Acesso em: 2 de fev. 2023.

FARIA, Marcello. **Guerra no Iêmen: A ilegalidade internacional do bloqueio dos portos.** Relações Exteriores, 2022. Disponível em: <https://relacoesexteriores.com.br/guerra-no-iemen-a-ilegalidade-internacional-do-bloqueio-do-s-portos/>. Acesso em: 9 de jan. 2023.

HILL, Ginny. **Yemen Endures: Civil War, Saudi Adventurism and the Future of Arabia.** United States of America, 2017.

HEINZE, Marie C. **Yemen and the Search for Stability: Power, Politics and Society After the Arab Spring.** London, 2018.

HOKAYEM, Emile; ROBERTS, David B. **The War in Yemen.** Survival, Nov. 2016.

JONGBERG, Kirsten. **The conflict in Yemen: latest developments.** Policy Department, Directorate-General for External Policies, 2016.

LIMÃO, José P. C. M. **O significado do Iêmen no Grande Médio Oriente.** 2019. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais).

MARRA, Ingrid C. **O entendimento da Guerra do Iêmen a partir de seu contexto geopolítico e geoeconômico.** Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

MUNDY, Marta. **As Estratégias da Coalizão na Guerra do Iêmen: Bombardeio aéreo e guerra de alimentos.** Fundação para a Paz Mundial, out. 2018. Disponível em: <https://sites.tufts.edu/wpf/coalition-strategies-in-the-yemen-war-aerial-bombing-and-food-warfare/>.

ORKABY, Asher. **ALÉM DA GUERRA FRIA ÁRABE. A HISTÓRIA INTERNACIONAL DA GUERRA CIVIL DO IÊMEN.** Estados Unidos da América, 2017. 1962-68.

PADILHA, A; BERMUDEZ, A. **Normalização do conflito e desnormalização da violência: desafios e possibilidades do ensino crítico da história do conflito armado colombiano.** Rev. colomb. educ. no.71 Bogotá julho/dez. 2016. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-39162016000200008

RABI, Uzi. **REVOLUÇÃO DO IÊMEN, GUERRA CIVIL E UNIFICAÇÃO**. Londres: Routledge, 2015.

RODER, Henrique e cols. **CONFLITO NO IÊMEN, O CASO HUTI**. Revista Brasileira de Política Internacional, v. 3, n. 2, Abr., 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpi/a/JSnKzGvRfZCn5FhQWtjTRVw/?lang=pt> .

SHARP, Jeremy M. **Iêmen: Guerra Civil e Intervenção Regional**. Congressional Research Service, [sl], novembro de 2021. Disponível em: <https://fas.org/sgp/crs/mideast/R45046.pdf> .

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me sustentado nos dias mais difíceis e me feito seguir até aqui, até nos dias em que eu não acreditava ser capaz de superar.

À minha irmã gêmea, a quem todos chamam carinhosamente de Bah, por ser dona do meu amor incondicional e ter acreditado em mim quando eu já não tinha mais nenhuma esperanças. Por ser minha companheira de vida desde o primeiro dia de nossas vidas e ser a primeira da plateia da minha vida.

À minha família, em especial meu pai, minha mãe e meu irmão, que se fizeram presente em todos os momentos e me apoiaram nos momentos que mais precisei para seguir meus sonhos.

A meu namorado, David Wilson, por ser a pessoa a quem eu mais recorri apoio psicológico em todos os semestres da universidade. Por ele ter mais confiança em mim do que eu mesma, me incentivando a cada passo que eu precisava dar e se fazer presente mesmo que distante na maioria das vezes.

A Maria Isabelly, por ter sido a melhor amiga que a universidade poderia me dar, mesmo convivendo desde o ensino médio, nossa amizade nunca se fortaleceu tanto percorrendo os percalços e solidão da vida acadêmica. Por ter sido minha *roommate*⁴ por tanto tempo e ter me feito entender o que era casa, mesmo distante dela.

As minhas queridas amigas da graduação - Bea Lucena, Mara Abelha, Dani Calfope, Marcos Lacet, Marcelo Luiz, Wesley Blaynner - por terem feito a graduação deixar de ser um caminho solitário e amargo, e terem feito meus dias mais alegres.

Aos meus queridos afetos: Crispim, Lucas, Vanessa, Felipe, Júlia Damascena, Anna Karolynna, Ane Kalena, Glazyelle, Thiago Marques, Thiago Henrique, Amanda e Renan, por terem sido as pessoas que mais se fizeram presentes nos últimos meses e fizeram com que eu não sucumbisse a depressão de terminar mais um ciclo na minha vida e me animaram nos dias mais sombrios,

A André Carvalho e Polianna Almeida, por terem me apoiado exatamente no período que eu queria desistir do curso, pois tinha descreditado de mim, mas eles me reergueram e me ajudaram a prosseguir na vida acadêmica, virando meus maiores exemplos de profissionais.

Ao meu orientador, por ter tido a maior paciência do mundo nos meus momentos de sumiço e ter me ajudado desde o princípio em todos os temas que eu propus estudar.

⁴ Colega de quarto